

BOSQUE MEDITERRÂNICO



Este bosque caracteriza-se pela presença e dominância de zambujeiros (*Olea europaea var. sylvestris*), o parente silvestre da oliveira mas de frutos mais pequenos. No estrato arbustivo e herbáceo encontram-se aroeiras (*Pistacia lentiscus*) e folhados (*Viburnum tinus*) e o solo é coberto quase uniformemente por um tapete de pervinca (*Vinca difformis*).

Acredita-se que há alguns séculos estes zambujeiros terão sido utilizados como porta-enxertos de oliveiras domésticas, mas o abandono deste olival levou a que o bosque recuperasse as suas características silvestres, como o crescimento intenso de arbustos e lianas desde o solo à copa das árvores, criando uma atmosfera húmida e por vezes impenetrável no seu interior, ideal para aqui encontrarem refúgio raposas e genetas. O desenvolvimento desta vegetação e ambiente faz com que este bosque atualmente possua interesse para a conservação, estando consagrado no Plano Diretor Municipal como Habitat de Interesse Comunitário.

Este bosque estabelece-se ao longo de uma encosta, fraturada por um caminho onde surgem espécies associadas a clareiras, algumas arbustivas e típicas dos matos que sucedem os bosques, como a arruda (*Ruta chalepensis*) e a madressilva (*Lonicera etrusca*), e outras herbáceas típicas dos prados vivazes de calcários, algumas das quais endémicas de Portugal ou da Península Ibérica e ainda

outras protegidas e com interesse para a conservação, como é o caso de algumas espécies de orquídeas, das campainhas-dos-montes (*Narcissus bulbocodium*) e do lírio-roxo (*Iris subbiflora*).

O mosaico criado por estes diferentes tipos de vegetação é sensível e raro em meio urbano, e reveste-se de uma importância maior por desempenhar serviços de ecossistemas fundamentais como por exemplo a regulação do ciclo da água, a conservação do solo, a prevenção de fogos e servir de refúgio para a biodiversidade.

